

## EDUCAÇÃO, CULTURA E LÍNGUAS

*Shirlei dos Santos Catão- Brasil*  
*Simone dos Santos Catão- Brasil*  
*Marilene dos Santos Catão*  
*Rejane Risia Gonçalves Rios-*  
*Brasil*

### RESUMO

Este artigo busca analisar de forma suscinta a educação no contexto cultural, incluindo o estudo da língua brasileira de sinais - LIBRAS e a inter-relação linguística dos educandos na fronteira Brasil e Paraguai.

**Palavras chave:** educação, línguas, cultura, fronteira.

### RESUMEN

Este artículo pretende analizar lo plantea la educación en el contexto cultural, incluyendo el estudio de la lengua de signos brasileña - LIBRAS e interrelación de los estudiantes del idioma limita con Brasil y Paraguay.

**Palabras clave:** educación, idiomas y fronteras culturales.

## A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS LIBRAS

A questão cultural da pessoa surda na constituição da sua cidadania envolve questões como diferenças humanas, multiculturalismo, construção de identidade, educação e o desenvolvimento de tecnologias que resultam num panorama explícito de que, apesar de haver um lugar para a cultura surda e um lugar para a cultura ouvinte, não há fronteiras entre ambas, considerando o fato de convergirem para a formação de cidadãos brasileiros.

A interface e o convívio das duas culturas constituem cenários multiculturais, no qual não há melhores e nem piores, há diferentes. Conhecer a história das pessoas surdas, não nos proporciona apenas aquisição de conhecimentos, mas também reflexões e questionamentos dos diversos acontecimentos relacionados à educação em várias épocas, como por exemplo, por que atualmente apesar de se ter uma política de inclusão a pessoa surda continua, em muitos meios sociais sendo excluída?

Antes de surgirem tais discussões sobre a educação, as pessoas surdas eram rejeitadas pela sociedade e posteriormente isoladas nos asilos para que pudessem ser protegidas, pois não se acreditava que pudessem ter uma educação em função da sua “anormalidade”, ou seja, aquela conduta marcada pela intolerância obscura na visão negativa sobre os surdos como “anormais ou doentes”.

As injustiças sofridas deve ter sido difícil à vivência das pessoas surdas durante a antiguidade, po isso não podemos deixar de reconhecer que a história do povo surdo mostra que por muitos séculos de existência, a pedagogia, as políticas e muitos outros aspectos relacionados às pessoas surdas tem sido organizadas geralmente, do ponto de vista dos sujeitos ouvintes e não dos sujeitos surdos que, quase sempre, são incógnitos uma vez que poderiam contribuir sobremaneira com suas competências.

Embora cada língua de sinais tenha sua própria estrutura gramatical, surdos de países com línguas de sinais diferentes comunicam-se com mais facilidade uns com os outros. A LIBRAS, como toda língua de sinais, é uma língua de modalidade gestual-visual que utiliza como canal ou meio de comunicação, movimentos gestuais e expressões faciais. Todas as línguas possuem diferenças quanto ao seu uso em relação à região, ao grupo social, à faixa etária e ao gênero. Uma pessoa surda não equivale a dizer que faça parte de uma Cultura e de uma Comunidade Surda.

Todas as línguas se edificam a partir de universais linguísticos, variando apenas em termos de sua modalidade (oral-auditiva ou gestual-visual) e suas gramáticas. As línguas se transformam a partir das comunidades linguísticas que as utilizam. Uma criança surda precisará se integrar à comunidade surda de sua cidade para poder ficar com um bom desempenho na língua de sinais desta comunidade.

Na verdade, os pontos de vista sobre a surdez, variam de acordo com as diferentes épocas e os grupos sociais nos quais são produzidos. Estas representações dão origem a diferentes práticas sociais, que limitarão ou ampliarão o universo de possibilidades e o exercício de cidadania das pessoas surdas.

A competência da pessoa auditiva é classificada como: normal, perda leve, moderada, severa e profunda. A surdez severa e profunda impede que o aluno adquira, naturalmente, a linguagem oral. O domínio da linguagem oral irá permitir sua plena integração na sociedade, uma vez que essa é a forma de comunicação entre as pessoas. O desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem está subordinado ao aprendizado da linguagem oral.

Os objetivos da educação das pessoas surdas reduzem-se à práticas corretivas e de estimulação oral-auditiva, em um encaminhamento metodológico que se convencionou chamar de oralismo.

Durante anos, o mito de que a língua de sinais impediria a aquisição da língua oral pelas crianças surdas, impediu a sua utilização no processo educacional. A língua de sinais não era considerada uma língua, mas um conjunto de gestos icônicos, sem estrutura interna e com a função de comunicar apenas conteúdos concretos. Atualmente, a linguística da Língua de Sinais é uma disciplina em expansão no mundo todo e suas pesquisas demonstram a importância dessa língua na constituição do sujeito surdo.

Ao pensar na educação de surdos é importante refletir na postura do professor na sala de aula. É preciso ter cuidado para não tirar conclusões apressadas e infundadas no cotidiano escolar, atribuindo apenas ao aluno a culpa por seu “fracasso escolar”. Se o aluno surdo não apresenta um desenvolvimento cognitivo compatível com aquele considerado próprio de seus colegas da mesma idade, isto não se deve a sua deficiência auditiva, mas sim, à deficiência cultural de seu grupo social que foi incapaz de proporcionar-lhe o acesso no momento devido a uma língua natural – a língua de sinais, que edificasse as bases para um desenvolvimento linguístico e, conseqüentemente, cognitivo normal.

Deve-se ter claro que a linguagem e o pensamento são processos interdependentes e desenvolvem-se mutuamente, alimentando um ao outro. Se tomarmos apenas a linguagem oral como requisito para o desenvolvimento do pensamento, veremos que muitos surdos apresentarão, generalizadamente, problemas de comunicação, conceituação, abstração, memória e raciocínio lógico. Somente através do acesso precoce à língua de sinais é que os surdos poderão desenvolver a linguagem nos mesmos padrões das crianças ouvintes, sem prejuízo ao seu processo de aquisição.

O professor de alunos surdos que conhecer a língua de sinais certamente terá ampliada a capacidade de interação verbal com seus alunos em todas as situações de aprendizagem. Além da língua de sinais, meio privilegiado de interação simbólica, diferentes formas de comunicação que utilizam outros códigos visuais deverão estar presentes na sala de aula, beneficiando a relação professor / aluno surdo e demais alunos.

Diante disso, o professor deve lançar mão de todos os recursos e estratégias visuais que acompanham a oralidade, pois, ao contrário, o aluno surdo não alcançará o aprendizado adequado.

A língua de sinais, oferecendo as possibilidades de constituição de significado, cumpre um papel fundamental no desenvolvimento linguístico, cognitivo e emocional dos alunos surdos, não podendo ser ignorada pelo professor em qualquer ato de interação com eles. Aí está a importância de o professor conhecer a história de vida dos seus alunos, compreendendo o seu completo desenvolvimento, a fim de tomar decisões educacionais mais adequadas em relação às suas necessidades.

## **UM ESTUDO DO PROCESSO EDUCATIVO – CULTURAL NA FRONTEIRA BRASIL – PARAGUAI**

A educação na fronteira entre o Brasil e o Paraguai está presente no cotidiano dos fronteirãos daquela divisa. Observa-se que o fenômeno da fronteira influencia os fazeres e os dizeres dos educandos, isso pode ser facilmente entendido nas línguas, nos relacionamentos, nas manifestações culturais e econômicas.

A Fronteira em si, assume sentidos opostos, que se definem não só pelos seus limites geográficos, mas também pelo conteúdo social de cada país.

A educação exercida na fronteira permite-nos analisar vários pontos. Entre eles, a forma de vida dos educandos nesses dois mundos culturais distintos que recebe a influência tanto do Brasil como do Paraguai no ambiente escolar.

Porém, existe uma relação de disputa de nacionalidades, pois os governos, os pais e os professores querem educar segundo os valores e tradições de sua nação. Embora as relações sejam facilitadas entre os grupos pela proximidade, as dificuldades se multiplicam; o migrante do outro país precisa se relacionar ao mesmo tempo com valores culturais e institucionais da origem e da sociedade de acolhimento, o que demanda esforços no processo de adaptação à realidade.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Trabalhar em favor da educação de pessoas surdas, é um desafio muito mais que especial, é uma oportunidade ímpar que a escola tem de abolir o preconceito e de promover a igualdade de direitos.

As questões educacionais relacionadas ao atendimento especializado dos alunos surdos, vem se acentuando a cada dia em nível mundial, esta é uma realidade inquestionável que aponta para a importância de se proporcionar ambientes de aprendizagem heterogêneos, com adaptações de práticas pedagógicas diferenciadas, com professores especializados, recursos e equipamentos compatíveis. Ou seja, a necessidade de se ampliar e de se reestruturar a escola para que ela realmente seja uma escola inclusiva que assegure as políticas de educação de qualidade para todos.

Uma educação para as escolas de fronteira, nesse contexto, implica no conhecimento à valorização das culturas envolvidas; tendo como base práticas de interculturalidade através da interação e do diálogo entre os grupos envolvidos, e do reconhecimento das características próprias e do respeito mútuo.

## **REFERÊNCIAS**

ARANHA, Maria Salete. Desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais de alunos surdos. Brasília: MEC/SEESP. 2005.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte. Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue – Língua Brasileira de Sinais.

FELIPE, Tanya A. Libras em contexto. Ministério da Educação. 6ª edição. Brasília: 2005.

TRINDADE E BEHARES, Aldema Menine e Luiz Ernesto. Fronteiras, Educação e Integração. Santa Maria: Pallotti, 1996. Brasília: Paralelo, 2006. 248p.